

Trabalho final - Mestres do Mundo

Claude Alvares: descolonizando a ciência, a educação e a vida

Erick Morris

Resumo

Claude Alvares é um acadêmico e ativista ambiental indiano. Grande parte do seu trabalho é dedicada à descolonização da tradição britânica e ocidental da produção acadêmica do seu país, tendo como base a descolonização da ciência, das universidades, do sistema educacional e do próprio saber, por meio, dentre outros, de um projeto denominado de Multiversidade (*Multiversity*). Esse consiste na articulação de pesquisadores/as da Ásia, África e América do Sul na reelaboração curricular das Ciências Sociais de uma maneira não-eurocêntrica e como uma alternativa para o sistema de competição brutal que é imposto aos jovens ao redor do mundo. Para além disso, Alvares atua combatendo e denunciando o avanço predatório de grandes mineradoras em Goa, região em que vive.

Como parte da proposta do projeto Mestres do Mundo, apresento o trabalho de Claude Alvares, sobretudo nas suas vertentes ambiental, educacional e política, intimamente relacionadas com a sua própria vida e em grande parte com os objetivos do seminário *Conhecimentos, Sustentabilidade e Justiça Cognitiva* do programa de doutoramento Pós-Colonialismos e Cidadania Global (CES/Universidade de Coimbra).

Palavras-chave: Claude Alvares; Descolonização; Sistema educacional; Multiversidade; Goa; Índia; Ambientalismo; Curry.

INTRODUÇÃO

“Development stinks”

Gustavo Esteva (*Apud.* Alvares 1992: 1)

O que torna uma pessoa um/a *Mestre do mundo*? No mundo contemporâneo existem muitas classificações das pessoas que se destacam em diversas áreas, desde economia, política, ciências, química, física, medicina, literatura e inclusive da paz, entre outras. Existem diversas instituições que fazem esse tipo de *ranking*, como a *Fundação Nobel* da Suécia e até mesmo a revista semanal *Time Magazine*, dos Estados Unidos da América (EUA), com a sua personalidade do ano (*Person of the year*). No geral, essas listas e premiações dão evidência a “grandes” personalidades, notadamente em consonância com os interesses dos poderes estabelecidos. Para perceber isso, basta listarmos algumas das pessoas destacadas pelas instituições acima mencionadas, como Adolf Hitler, então presidente da Alemanha (1936 - Time Person of the Year), e Barack Obama, atual presidente dos EUA (2009 - Nobel Peace Prize). Este trabalho está inserido numa lógica diferente, de dar visibilidade a homens e mulheres do Sul global, que de alguma forma (artística, política, acadêmica etc.) se destacaram na luta contra as diversas formas de opressão (econômica, social, política, sexual, ambiental etc.), pela descolonização das relações e por um mundo menos injusto e mais solidário. Quem são essas pessoas? O que elas fazem/fizeram? Porque são invisibilizadas? O objetivo geral aqui é compartilhar com outras partes do planeta o exemplo e pensamento de algumas dessas pessoas para que sirvam de referência para as lutas atuais e, no caso dos que estão em atividade, vislumbrar possíveis novas alianças.

Vinculado à ação *Mestres do Mundo* do projeto de pesquisa “ALICE – Espelhos Estranhos, Lições Imprevistas: Definindo para a Europa um novo modo de partilhar as experiências do Mundo,”¹ do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (Portugal), CES, o objetivo específico deste trabalho é realçar criticamente a atividade de um intelectual e ambientalista indiano, Claude Alphonso Alvares.

Alvares tem atuado desde os meados da década de 1970 na descolonização da história científica, resgatando o papel de destaque das tradições científicas da Índia e da China desde a defesa de sua tese de doutorado (Alvares, 1980). No decorrer dos anos seguintes, buscando viver mais próximo das comunidades tradicionais indianas, passou a defender um modo de vida alternativo ao desenvolvimento

1 Ver mais em <http://alice.ces.uc.pt/>

ocidental. Nesse processo se tornaria um ativista ambiental e forte crítico do sistema educacional dominante da Índia. Por meio de uma breve apresentação dos seus trabalhos e ideias nessas três áreas, pretendo demonstrar a importância de se considerar Claude Alvares como um autêntico *Mestre do Mundo* contemporâneo, cuja busca por coerência entre o que professa e o que vive pode e deve nos inspirar na busca por um mundo melhor.

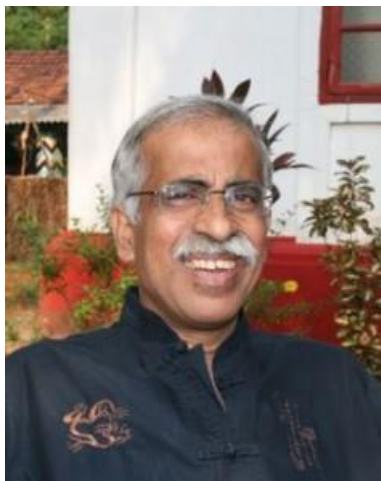
Retomando o objetivo geral do projeto *Mestres do Mundo*, de apresentar o papel dessas pessoas para outras partes do mundo, torna-se extremamente necessário no caso de Claude Alvares. Isso ficou muito evidente na busca bibliográfica e de informações sobre ele. Não existem cópias impressas dos seus livros disponíveis em Portugal e imagino que não seja muito diferente na maioria dos países “do lado de cá do Canal do Suez,” incluindo a África e a América Latina. Nem todas estão disponibilizadas eletronicamente tampouco. Uma obra considerada fundamental para compreender a vida e obra de Alvares, *Fish, Rice and Curry*, sobre a cultura e modo de vida em Goa, infelizmente esteve inacessível até esta data. Outra barreira é a linguística, visto que todas as publicações que pude localizar online estão em inglês, excluindo grande parte das pessoas, sobretudo do Sul global. Isso tudo reforça a importância de apresentá-lo em outro idioma, mesmo que este seja ocidental.

Nesse sentido, este trabalho seguirá o seguinte percurso²: primeiro, uma sucinta apresentação do Claude Alvares. Segundo, uma discussão dos seus principais trabalhos para descolonizar a história da ciência. Terceiro, apresentação de suas propostas para descolonização das universidades e do sistema educacional como um todo, que no seu entender mais serve para aprisionar do que para desenvolver os seres humanos. Quarto, buscarei fazer uma síntese dessas diferentes (ao mesmo tempo próximas) esferas de atuação da vida Alvares e de como elas se relacionam com outros/as pensadores/as e ativistas de outras regiões do planeta. Por último, apresento uma seção “para saber mais”, onde destaco informações para aprofundamento, como projetos, publicações, vídeos entre outros.

Sigamos para essa vida e obra fascinantes.

2 Seguindo as ideias de Alvares, talvez este não seja o percurso mais apropriado. Na apresentação da reedição de sua tese de doutoramento, Claude argumenta por uma organização Hindu não linear, em que os temas vão sendo apresentados no próprio decorrer da narrativa e enquanto outros temas vão surgindo no processo (1993: xxviii). Por se tratar de uma apresentação para outras partes do mundo optei pelo atual formato, um pouco mais conservador.

1. UM POUCO DA VIDA DE CLAUDE ALPHONSO ALVARES³



Crítico radical do eurocentrismo e do imperialismo acadêmico, Claude Alphonso Alvares tornou-se conhecido principalmente por seu livro *Decolonizing History* (1993), no qual questiona radicalmente as interpretações ocidentais das sociedades indiana e chinesa, bem como por sua defesa do meio ambiente. Outros livros de destaque são *Science, Development & Violence* (1992), *Fish Curry and Rice - a source book on Goa, its ecology and life-style* (2002), *The Organic Farming Sourcebook* (1996) e *Decolonising the University* (2011).

Alvares nasceu na primeira metade do século XX, em Bombaim, principal centro econômico e industrial da Índia, cujo nome derivava da tradição colonial portuguesa e inglesa (Bom Bahia e depois BomBay). A partir de 1995 a cidade mudaria oficialmente para o nome indiano de Mumbai, traduzido do marata.⁴ Foi nessa cidade que ele cresceu e passou parte da sua juventude, embora a sua família seja de outra cidade, Mangalore, como nos conta o seu filho Rahul numa publicação precoce: “My dad, though born and brought up in Mumbai and now living since marriage in Goa, is originally from Mangalore.”⁵ (Rahul Alvares, 2003: 18) É interessante notar como a questão dos nomes da sua cidade natal parecem estar relacionadas com a sua própria vida e pensamento, na busca por autoafirmação e

3 Foto de Claude Alvares, em 2008. Fonte: <http://mnoushad.files.wordpress.com/2008/07/claude1.jpg> (Acessado em 19/01/2014)

4 Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Bombaim> (Acessado em 18/01/2014). Para evitar confusões de nomes e por concordar com o uso da nomenclatura *marata*, a partir deste momento será utilizada apenas a denominação de Mumbai, mesmo para quando se referir para períodos anteriores à 1995.

5 Na seção sobre educação detalharei um pouco sobre o significado dessa publicação.

autodeterminação local, coincidentes também do processo de independência e fortalecimento da nação indiana. Curiosamente, e talvez como um dos paradoxos que a vida nos apresenta, parte importante do seu desenvolvimento intelectual anos mais tarde, ocorreria durante o seu doutoramento na Europa.

No início da sua formação acadêmica, Alvares estudou filosofia na St. Xavier's College de Mumbai, de 1967 à 1971. Como ele diria mais tarde em suas palestras sobre descolonização das universidades, quase todo o currículo era pautado na filosofia ocidental, tratada como universal. Apenas uma pequena parte era dedicada à filosofia indiana, apesar da monumental contribuição desta para a formação do povo indiano e da sua cultura milenar. Já naquela época, compreendera que uma filosofia era tratada como universal e a outra como étnica, local. Décadas depois ele iria destacar e aprofundar a relação dessa questão com a da separação da independência política da independência acadêmica.

No ano seguinte a sua formatura em Mumbai, parte para Holanda, onde fará seu doutorado na Technische Hogeschool. Apesar de optar por estudar na Europa, sua tese, *Homo Faber: Technology and Culture in India, China and the West 1500-1972*, trata da desconstrução e descolonização da história científica na Índia e na China, resgatando o papel e importância dessas no desenvolvimento tecnológico e científico daquelas nações e como concorrentes ao modelo hegemônico ocidental, que as submeteu por meios violentos. Não obstante, ele dedica a sua tese ao povo holandês, que o acolheu muito bem e tornou a sua estada muito agradável. Ele também menciona algumas similaridades culturais dos povos holandeses e hindu, sobretudo na sua grande tolerância. (Alvares, 1980: 404; 1993: xxviii)

No prefácio do livro de Dharampal, *Indian Science and Technology in the Eighteenth Century* (ISTEC), Alvares narra como foi o seu encontro com a própria obra de Dharampal, que viria a ser uma de suas grandes influências acadêmicas e científicas, além da ironia de estar pesquisando sobre a ciência e tecnologia indiana na Holanda,

Desperate and depressed, I wandered through the portals of every possible library in Holland trying to lay hands on anything I could find. The irony of looking for material on Indian science and technology in Holland should not be missed. However, I was doing a Ph.D there and had very little choice.

Then one morning, I walked into the South East Asia Institute on an Amsterdam street and found a book called ISTEC on the shelf. I took it down, curious. It was by a person named Dharampal, whom I had not heard of before as a person or scholar active in the area of research. I took the book home and devoured it

in the same day. It altered my perception of India forever. (Alvares, 2000: i)⁶⁷

Com esse feliz achado, que lhe abriria os olhos para outras percepções sobre a história tecnológica e científica da Índia, Alvares também conseguiu fundamentar o capítulo sobre a Índia da sua tese e concluí-la em 1976 (Alvares, 2000). Não muito tempo depois, Claude conheceria Dharampal pessoalmente, iniciando uma amizade de várias décadas. No retorno ao seu país, em 1977, Alvares tentou colocar em prática os novos conhecimentos adquiridos nas terras além do Canal de Suez. Foi uma tentativa de contribuir com o desenvolvimento rural, para rapidamente sofrer com um choque cultural e de realidade. Nas suas próprias palavras, esse momento também foi muito significativo na sua formação enquanto ser humano:

After writing *Homo Faber*, I had settled down in a village in Goa eager to exploit whatever talents I presumed I possessed in the cause of 'rural development'. However, I soon found that these, talents' were of little use to the rural community. I had consequently to re-learn life all over again. This was neither unpleasant nor miserable, since, like Esteva, I had also de-professionalized myself, refusing to be associated with any formal academic establishment or institution, this being my own version of a subsistence lifestyle. Over the past decade, I have come to know a little about life husbandry, though not enough I confess to live totally by the difficult art of subsistence. (Alvares, 1992: vii)⁸

Interessante perceber o movimento de práxis, de ação-reflexão-ação, na vida e pensamento de Alvares.

6 Por não contar com publicações em português, optei por fazer traduções das citações diretas de Claude Alvares. Citações de outros/as autores/as permanecerão apenas na língua original.

7 “Desesperado e deprimido, eu vagava pela entrada de todas as bibliotecas acessíveis da Holanda, tentando lançar mão em qualquer coisa que pudesse encontrar. A ironia de procurar por materiais sobre ciência e tecnologia indiana na Holanda não deve passar despercebida. No entanto, eu estava fazendo meu doutoramento lá e não tinha muitas opções.

Até que numa manhã eu entrei no South East Asia Institute, numa rua de Amsterdã, e encontrei um livro sobre uma prateleira chamado de ISTEAC. Peguei-o, curioso. Era de uma pessoa chamada de Dharampal, de quem nunca havia ouvido falar, nem como pessoa ou como acadêmico ativo na área de pesquisa. Levei o livro para casa e o devorei no mesmo dia. Ele alterou minha percepção sobre a Índia para sempre.” (Alvares, 2000: i. Nossa tradução)

8 “Após a escrita de *Homo Faber*, fui viver numa vila em Goa, ansioso para explorar quaisquer talentos que eu achava que tinha para a causa do 'desenvolvimento rural'. No entanto, eu logo perceberia que esses supostos talentos eram de pouca serventia para a comunidade rural. Consequentemente, eu tive que reaprender a vida novamente. Isso não foi um processo nem desagradável e nem infeliz, pois, como Esteva, eu também tinha me des-profissionalizado, recusando qualquer associação com instituições acadêmicas formais, tornando-se isto minha própria versão de modo de vida de subsistência. No decorrer da última década eu passei a saber um pouco sobre a vida da agricultura, mas confesso que ainda não o suficiente para viver exclusivamente da difícil arte de subsistência.” (Alvares, 1992: vii. Nossa tradução)

De uma reflexão inicial eurocêntrica, ainda que crítica, tenta colocá-la em prática, mas se depara com uma realidade fundamentalmente diferente. Ao invés de pretender impor suas ideias de desenvolvimento rural, que poderiam receber apoios institucionais/governamentais, Claude busca refazer as suas próprias concepções e visões de mundo, sobretudo sobre a ciência moderna. Obviamente isso tem um impacto profundo no seu modo de vida, cada vez mais em contato com os pequenos agricultores e com a natureza. Anos mais tarde ele reflete um pouco mais sobre esse processo:

But no work of academia can be as compelling as human experience. Enmeshed in day-to-day village cosmology, it was not too long before the scales fell quickly from my eyes. If one attempts to live close to the peasants or within the bosom of nature, modern science is perceived differently: as vicious, arrogant, politically powerful, wasteful, violent, unmindful of other ways. Life in Thane, a village north-east of the state of Goa, on India's West Coast, and for the past six years in Parra, a more accessible coastal village, provided me with enough education to see through the emperor's new clothes. (Alvares, 2010: 259)⁹

A partir de sua vida em Goa, Claude Alvares foi se aproximando cada vez mais com a agricultura orgânica e com o ativismo ambiental, simultaneamente continuando com suas críticas ao ocidentalismo da ciência na Índia e das relações de poder e de opressão que isso representava. Nesse processo foi ganhando um certo prestígio nos meios alternativos e ambientalistas, mas também uma série de opositores, incluindo representantes do *establishment* científico indiano, empresas mineradoras, empreiteiras, redes hoteleiras, membros dos governos, entre outros.

Em parceria com sua esposa, Norma Alvares, que é uma advogada ambiental, por meio da Goa Foundation, fundação ambientalista que coordena há mais de 25 anos, conseguiram processar judicialmente grandes mineradoras, levando a questão à Suprema Corte indiana, onde tiveram uma

9 “Mas nenhum trabalho acadêmico pode ser tão convincente como a experiência humana. Inserido na cosmovisão cotidiana comunitária, não demorou muito para que as escalas caíssem dos meus olhos. Se alguém ousa viver perto dos/as camponeses/as ou entre o desabrochar da natureza, a ciência moderna passa a ser percebida de modo diferente: maliciosa, arrogante, politicamente poderosa, produtora de dejetos, violenta, desconsiderada com outros modos de vida. A vida em Thane, uma vila no nordeste do estado de Goa, na costa ocidental da Índia, e nos últimos seis anos em Parra, uma vila costeira mais acessível, me educaram suficientemente para ver através das novas roupas do imperador.” (Alvares, 2010: 259. Nossa tradução)

impressionante vitória, encerrando todas as atividades da indústria mineradora em Goa.¹⁰

Outras polêmicas envolvendo Alvares, que merecem destaque, foram, primeiro, a publicação-denúncia *The Great Gene Robbery* (1986), na qual ele demonstra o roubo dos genes dos diversos tipos de arroz dos agricultores tradicionais por M. S. Swaminathan, um renomado cientista do governo associado a grandes empresas filipinas e estado unidenses, *International Rice Research Institute*, na chamada *Indian Green Revolution*. Estimativas oficiais, apontavam para a existência de cerca 200.000 variedades de tipos de arroz somente na Índia. Após esse chamada revolução, com a introdução de duas variedades geneticamente modificados pela Syngenta, houve concomitantemente a inexorável introdução do uso de pesticidas e de agrotóxicos, das quais as variedades eram dependentes devido a suscetibilidade a várias doenças (vírus Tungro e transitório), que se espalharam para as demais variedades. No decorrer dos anos houve um empobrecimento da diversidade e atualmente apenas alguns tipos são usados em larga escala.¹¹

No quinto centenário da invasão européia do continente americano, em 1492, e das previstas celebrações do governo português da chegada de Vasco da Gama em Goa, em 1498, houve um debate público acalorado entre Alvares e o historiador indiano Sanjay Subrahmanyam, no qual parte da campanha de Alvares foi para evitar que o governo indiano e outras instituições do país participassem das festividades. Entretanto, o que pode parecer incrível, num primeiro momento o governo da Índia aceitou, segundo Alvares, “[...] celebrate the inauguration of the colonial age and the servitude of its people.” Após muitos protestos de diversas organizações e setores da população, as celebrações estatais foram canceladas. Contudo, Alvares ia mais longe e exigia do governo a proibição de quaisquer celebrações e que fossem negados vistos a qualquer pessoa de Portugal com esses objetivos.¹²

Durante muitos anos Claude contribuiu com artigos para diversos periódicos e revistas da Índia, incluindo *Illustrated Weekly of India*, *India Today*, *Outlook*, *The Times of India* etc. Atualmente ele publica suas opiniões por meio do seu blog (*Typewriter Guerrilla*), onde também divulga seus projetos e livros. Como acadêmico, Alvares coordena o projeto Multiversidade (*Multiversity*), lançado em 2002, que busca de modo amplo descolonizar o pensamento e o currículo das universidades. Funciona como uma rede que articula acadêmicos e estudiosos da América Latina, África e Ásia. No contexto desse

10 Fonte: <http://www.we-asc.org/claude-alvares> (Acessado em 12/01/2014)

11 Fontes: <http://www.satavic.org/richharia.htm> (Acessado em 15/01/2014)
<http://www.answers.com/topic/m-s-swaminathan> (Acessado em 15/01/2014)

<http://gmwatch.eu/index.php/search?searchword=claude%20alvares&searchphrase=all> (Acessado em 16/01/2014)

12 “[...] celebrar a inauguração do período colonial e da servidão de seu povo.” (Nossa tradução) Fonte: <http://indiatoday.intoday.in/story/claude-alvares-and-sanjay-subrahmanyam-debate-on-vasco-da-gama-quincentenary/1/277077.html> (Acessado em 16/01/2014)

projeto, na última década, coordenou seis conferências internacionais para reformar os currículos de modos não-eurocêntricos, sempre visando uma conexão crítica com as tradições intelectuais e culturais locais.¹³

Outra área de atividade de Alvares, em conjunto com outros acadêmicos, é, desde 1986, organizar uma editora alternativa, que fomentasse e publicasse obras contra-hegemônicas nas áreas de ciência, ciências sociais, agricultura orgânica e ativismo social, a *The Other India Press*. Posteriormente, essa ação desdobraria numa livraria, seguindo os mesmos princípios acima mencionados, além de apenas comercializar livros de escritores não-ocidentais, a *The Other India Bookstore*.

Norma Alvares, com quem Claude teve três filhos, Rahul, Samir and Milind, também é uma ativista, participando do movimento feminista *The Women's Movement In India*. Ela também publicou livros sobre a sua atuação e participa de algumas das organizações de que Alvares faz parte. Pelo seu trabalho como advogada, em que atuou em centenas de casos de interesse público de maneira *pro bono*, ganhou em 2002 o prêmio *Padma Shri*, que é concedido pelo governo indiano em reconhecimento pelas notáveis contribuições em diversas atividades, incluindo arte, educação, indústria, ciência, esportes, medicina, serviços sociais e assuntos públicos. É considerada a terceira maior honra do Estado indiano.¹⁴

Agora passemos para uma breve apresentação e reflexão sobre algumas das principais questões levantadas por Alvares na descolonização da história da ciência e na descolonização da educação e das universidades.

13 Fonte: <http://www.we-asc.org/claude-alvares> (Acessado em 12/01/2014)

14 Fontes: http://en.wikipedia.org/wiki/Claude_Alvares (Acessado em 12/01/2014)
<http://indiacurrentaffairs.org/india-learning-on-the-job-norma-alvares%E2%80%99-advocacy-for-change/>
(Acessado em 12/01/2014)

2. DESCOLONIZAÇÃO DA CIÊNCIA

For Rahul, Sameer and Milind, who will have to choose between being
'developed' and being free. (Alvares, 1992: xx)¹⁵

*If the Indians had remained unknown to the Tartars and to us, they would have
been the happiest people in the world
Voltaire*¹⁶

Optei por iniciar esta seção sobre a descolonização da história da ciência com a dedicatória acima, feita por Claude Alvares para seus filhos, e com a frase de Voltaire por entender que estas representam bem a radicalidade das implicações das suas conclusões teóricas para o modo de vida que deve se seguir a partir disso. Como veremos a seguir, Alvares argumenta ao longo de suas obras uma vinculação entre a ciência europeia e o desenvolvimento como instrumentos de uma dominação violenta, imperialista e cultural. No extremo, apenas alguns produtos dessa ciência teriam alguma serventia para os povos não-ocidentais, que seriam muito mais felizes fora do jugo e influência das potências europeias. Mas, ele ainda afirma que mesmo para as populações europeias o modelo de desenvolvimento proposto pela ciência moderna também não é benéfico. Daí a sua constatação da escolha que seus filhos terão que fazer, desenvolvimento ou liberdade.

A influência de Dharampal (Cf. Supra) nas concepções de Alvares sobre ciência e tecnologia na Índia são fundamentais para compreender a sua formação e sua visão sobre a descolonização desse campo teórico. O trabalho de Dharampal teve início na década de 1960, buscando entender lacunas na historiografia oficial, inspirada e educada na Inglaterra. Sobretudo no que Alvares chama de “as turmas que passaram por Oxbridge” (Alvares, 2000: iii), numa referência às universidades britânicas de Oxford e Cambridge, que formaram boa parte dos historiadores indianos, que reproduziram os modelos ingleses nas universidades nacionais. Parte do esforço de Dharampal, de acordo com Alvares (2000), foi de reexaminar os arquivos históricos dos invasores europeus (portugueses, holandeses e ingleses), com uma leitura crítica e questionadora. Segundo Shiv Visvanathan, “É relevante apontar que a escavação que Dharampal fez nos arquivos foi um exercício orientalista: Leu Reuben Barrow, H. W. Prinsep e William Jones enquanto testemunhas de um meio de vida alternativo.” (Visvanathan, 2010: 513) A partir disso foi possível perceber estratégias de desmonte das estruturas indianas econômica,

15 Dedicatória do livro *Science, development and violence* de Alvares para os três filhos, contrapondo desenvolvimento com liberdade e entrelaçando a sua vida acadêmica com a pessoal.

16 *Apud.* Alvares (1993: 4)

tecnológica, cultural, entre outras.

Nesses documentos, apresentados e analisados por Dharampal (2000), é possível ver que houve uma intencionalidade oficial de inviabilizar os sistemas produtivos, tecnológicos e científicos indianos, tão ou mais desenvolvidos que os britânicos contemporâneos. Uma forma de levar isso a cabo foi por meio de impostos que, “durante longos períodos dos séculos XVIII e XIX, em algumas localidades, como Madras, a taxaço era muito superior às possibilidades produtivas. Desse modo uma das regiões mais férteis da Índia ficou sem cultivar nada.” (Alvares, 2000: xi, Nossa tradução) Depois dessa e de outras desarticulações foi preciso para os ingleses recontar a história como se os invasores estivessem fazendo um favor aos indianos, levando-lhes conhecimento, desenvolvimento e sabedoria. Tudo que havia antes deveria ser considerado desprezível. Dharampal mostrou que a realidade não era bem assim e que era preciso recontar novamente essa história,

The sciences and technologies of the non-European world had different seekings and developments to those of Europe. Further, in countries like India, their organization was in tune with their more decentralist politics and there was no seeking to make their tools and work-places unnecessarily gigantic and grandiose. Smallness and simplicity of construction, as of the iron and steel furnaces or of the drill-ploughs, was in fact due to social and political maturity as well as arising from understanding of the principles involved. Instead of being crude the processes and tools of eighteenth century India appear to have developed from a great deal of sophistication in theory and an acute sense of the aesthetic. -Dharampal: 1971 (*Apud* Alvares, 1993: 47)

Alvares assumiu isso como uma de suas missões e buscou apresentar a história tecnológica e científica da Índia como contraponto alternativo e viável ao desenvolvimento europeu. Mahatma Gandhi (1869-1948) foi outra influência marcante para Alvares, ajudando-o filosoficamente a se contrapor aos preceitos da ciência. Conforme ele mesmo diz, “Mahatma Gandhi’s vigorous attack on the claim of modern science to truth in ‘*Hind Swaraj*’, has been most important to me.” (Alvares, 2010: 258)¹⁷ Parte desse esforço e trajetória têm sido reconhecido, conforme a historiadora da ciência Phalkey afirma que :

17 “O ataque vigoroso de Mahatma Gandhi às reivindicações sobre a verdade feitas pela ciência moderna, no seu *Hind Swaraj*, têm sido muito importantes para mim.” (Alvares, 2010: 258. Nossa tradução)

[...] as history of science in India was emerging as a distinct field, Ashis Nandy, Claude Alvares, and Shiv Visvanathan, among others, were reinvigorating an erudite Gandhian critique of science, but especially of technology, that was not limited to the Indian context alone. These scholars, many of them based at the Centre for the Study of Developing Societies in Delhi, framed modernity, modernization, and, within it, science as a continuation of the state violence and stabilization of authority that had earlier characterized imperialism. This cluster of arguments has informed recent historiography, especially, on dams, the nuclear question, population, reproductive health, irrigation, agriculture, and the Green Revolution. (Phalkey, 2013: 331)

Nas suas diversas obras sobre as ciências e a sua descolonização, Alvares (1980, 1990, 1991, 1992, 2010) articula a noção de indissociabilidade da ciência moderna europeia com o conceito de desenvolvimento. De acordo com Ashis Nandy, foi só ao final da Segunda Guerra Mundial que o termo *desenvolvimento* ganhou a conotação atual, associada à ciência. A trajetória desse novo significado foi traçada pelo pensador e pedagogo austríaco, Ivan Illich (1926-2002). “Ivan Illich has traced the contemporary idea of development to a speech President Harry S. Truman made in 1945. Till then, the word 'development' had had other associations which had very little connection with what we understand by development today.” (Nandy, 1990: 3)

Nesse novo discurso sobre desenvolvimento, de acordo com Alvares (1992), serão associadas ideias como progresso, modernidade e emancipação. Seria isto que garantiria, por meio de um sistema complexo e dispendioso de propaganda, uma áurea de inexorabilidade com a realidade que nos circunda. No entanto, ele aponta que na verdade o desenvolvimento é uma etiqueta para saqueamento e violência. Porém, essa primeira imagem já apresenta fortes sinais de que é apenas uma fachada, onde já se percebem as rachaduras. Sobre isso, Alvares afirma que:

The disillusionment with the development promise, however, has come sooner than expected, though from the victim's point of view it ought to have come much earlier. For many, the arrival of disenchantment and of divestiture has become an occasion for relief and release, for the end of 'development' signals the end of a tyranny. (Alvares, 1992: 1)¹⁸

18 “A desilusão com a promessa de desenvolvimento, contudo, veio antes do esperado. Apesar de que do ponto de

Apesar do vislumbre da falibilidade do desenvolvimento, este conceito continua muito forte, inclusive nos estados do Sul, como nos aponta Wolfgang Sachs, “como o desejo por reconhecimento e igualdade é moldado em termos do modelo civilizacional das nações mais poderosas, o Sul emergiu como o maior defensor do desenvolvimento.” (Sachs, 2010: viii) Mais adiante ele continua com essa ideia, “[países em geral] não aspiram se tornar mais 'indianos,' mais 'brasileiros,' ou até mesmo mais islâmicos [...], anseiam alcançar a modernidade industrial.” (Sachs, 2010: ix) Isso que Wolfgang descreve é corroborado por Santos, Meneses e Nunes, que afirmam que esse problema têm se reproduzido após os processos de independência política, como em África e na Ásia, que

[...] à semelhança do que acontecera na América Latina, a emergência dos movimentos nacionalistas, já no século XX, viria a reacender os debates em torno do caráter e da função da ciência. Em muitas regiões do mundo, esses debates constituíram-se no epicentro das discussões sobre as políticas do conhecimento, não se restringindo ao uso do conhecimento para o desenvolvimento e emancipação dos povos colonizados. Pelo contrário, visavam trazer o direito das diferentes formas de conhecimento a uma existência sem marginalização ou subalternidade por parte da ciência oficial, defendida e apoiada pelo Estado.

Mas estes debates terminaram rapidamente com a independência dos territórios coloniais. A palavra de ordem passou a ser a de 'vencer o subdesenvolvimento' (Santos, Meneses e Nunes, 2004: 34)

Criticando a maneira como a Índia seguiu esse padrão de desenvolvimento, Alvares aponta para os porquês de muitos indianos resistirem ao chamado de Indira Gandhi para levar a ciência para todos os grupos sociais, “[...] it actually demanded greater sacrifices, more work, and more boring work, in return for a less secure livelihood. It required the surrender of subsistence (and its related autonomy) in exchange for the dependence and insecurity of wage slavery.” (Alvares, 2010: 251)¹⁹ Para Alvares,

vista das vítimas isso deveria ter acontecido muito antes. Para muitos, a chegada do desencantamento e despojamento se tornou uma oportunidade de alívio e libertação, pois o final do 'desenvolvimento' anuncia o fim de uma tirania.” (Alvares, 1992: 1. Nossa tradução)

19 “[...] na realidade isso demandava grandes sacrifícios, mais trabalho, em troca de meios de vida menos seguros. Exigia-se o abandono da subsistência, e a sua relativa autonomia, em favor da dependência e insegurança da escravidão assalariada” (Alvares, 2010: 251. Nossa tradução)

“Knowledge is power, but power is also knowledge. Power decides what is knowledge and what is not knowledge. Thus modern science actually attempted to suppress even non-competitive but different ways of interacting with man, nature and the cosmos.” (Alvares, 2010: 256)²⁰ É nesse sentido que Claude Alvares interpreta a ação “democratizadora” da ciência, que ele entende como uma verdadeira violência epistêmica, “The various ‘people’s science movements’ in India took this job quite seriously, by functioning as an unofficial establishment, gallantly attempting to replace the science of the village sorcerer or *tantrik* with the barbarism of modern science’s electric shock treatment or frontal lobotomies.” (Alvares, 2010: 256)²¹ Analisando o pensamento de Alvares, Phalkey afirma que

The more radical among these critiques argue that it may not be possible to mold and direct scientific inquiry (and technological projects) to serve broader goals of social justice and political equality because of its inherently flawed origins in the violence of the Enlightenment project. In direct contrast to Nehruvian optimism about science-based industrial growth and development, the complicity of science with colonialism is seen as corrupting the possibility of its ever becoming less alien or, for that matter, less oppressive. (Phalkey, 2013: 331)

De acordo com essa visão, para Alvares não é suficiente buscar democratizar e/ou humanizar a ciência europeia. Para ele, esta é por “essência” violenta e excludente. Portanto, é garantida a continuidade da violência. Além disso, os próprios efeitos não violentos da ciência são meros acidentes de percurso. Conseqüentemente, e ao contrário das esperanças dos que acreditam nos governos progressistas e desenvolvimentistas, o argumento de que a ciência moderna deveria ser utilizada para emancipar os povos do Terceiro Mundo dificilmente se justificam. (Alvares, 1990)

Passemos agora para a próxima seção.

20 “Conhecimento é poder, mas poder também é conhecimento. O poder decide o que é conhecimento e o que não é conhecimento. Portanto, a ciência moderna de fato tentou suprimir até os diferentes modos, inclusive os não competitivos, de relacionamento com o homem, a natureza e o cosmos” (Alvares, 2010: 256. Nossa tradução)

21 “Os diversos ‘*people’s science movements*’ indianos levaram esse projeto muito a sério, funcionando com um *establishment* não-oficial, tentando galantemente substituir a ciência do feiticeiro ou *tantrik* da vila pelo barbarismo dos tratamentos de choques elétricos e lobotomias frontais da ciência moderna.”(Alvares, 2010: 256. Nossa tradução)

3. DESCOLONIZAÇÃO A EDUCAÇÃO E O “ENSINO SUPERIOR”



A imagem acima²² retrata bem o entendimento que Alvares tem das escolas. Para ele, o sistema educacional de todo o mundo, mas sobretudo o indiano, é uma máquina de formatar as pessoas. No seu entendimento, as crianças aprendem muito mais fora da escola do que nela. Na realidade ele afirma que as escolas foram pensadas de uma maneira para se potencializar ao máximo um ambiente de não-aprendizagem. Falando da sua própria experiência como pai, Alvares afirma que “uma das emoções que vivenci foi de perceber o impacto geral negativo do sistema escolar nos nossos três filhos. Nós notávamos que eles eram mais felizes enquanto estavam fora da escola”²³

Por conta dessa percepção, junto com a noção das origens coloniais do sistema educacional indiano, Claude e Norma optaram por “libertar” os filhos por um ano, como um *gap year*, antes de entrarem no ensino médio. Eles tiveram total liberdade para se descobrirem e desenvolverem suas aptidões e ambições pessoais. Estiveram livres das obrigações compulsórias de frequentar todos os dias o mesmo espaço para ouvir uma repetição assuntos, muitas vezes desconectados de suas realidades. Além disso, não tinham a pressão de estudar para as provas e trabalhos escolares. Assim, puderam desenvolver sua auto disciplina (*swa-raj*) e conhecer um pouco mais da sociedade em que viviam e da natureza do país, além de interagir com pessoas de várias gerações. (Alvares)²⁴

O resultado dessa experiência foi uma maior autonomia para os três filhos, Rahul, Sameer e Milind, escolherem que caminhos seguirem pela vida. Nesse processo, o filho mais velho, Rahul, aos dezessei

22 Imagem do livro de Paulo Freire *et al* (1980), *Cuidado, escola!*. Rio de Janeiro: Brasiliense. Obtida no site <http://www.uniriotec.br/~pimentel/disciplinas/ie2/infoeduc/escdiferencas.gif> (acesso em 18/01/2014)

23 <http://yearon.wordpress.com/2012/01/06/claudealvarez/> (Acessado em 18/01/2014)

24 <http://homeschoolers.in/the-philosophy-of-unschooling/> (Acessado em 18/01/2014)

anos publicou um livro relatando as suas experiências nesse *gap year*, intitulado de *Free from school* (2003). Nesse ano livre da escola ele pôde aprender e conhecer melhor a sua própria família e região, além de se aventurar pelos parques naturais, desenvolvendo o seu gosto e fascinação por répteis, vindo a se tornar um herpetólogo alguns anos depois. (Rahul, 2003)

No projeto que Claude coordena sobre educação, *Multiversity*, ele conclama a todos os pais e mães para seguirem esse exemplo ou até de ir mais longe e não forçar os seus filhos e filhas a desse processo insano e deseducador da escola. Conforme mencionado anteriormente (Cf. Supra), Alvares amadureceu essa posição por meio da análise dos processos de colonização britânica da Índia e da tentativa de descolonizar todas as esferas da vida indiana. Nessa mesma linha, Sachs afirma que “Despite decolonization in the political sense – which has led to independent states – and despite decolonization in the economic sense – which has made some countries into economic powers – a decolonization of the imagination has not occurred.” (Sachs, 2010: ix)

Retratando o processo de como a Inglaterra moldou o sistema educacional indiano, colonial e pós-colonial, Alvares transcreve o texto de uma minuta de 1835 do governador-geral, Lorde Babington Macaulay, em que destroi toda a produção intelectual da Índia e da Arábia,

I have no knowledge of either Sanscrit or Arabic. But I have done what I could to form a correct estimate of their value. I have read translations of the most celebrated Arabic and Sanscrit works. I have conversed, both here and at home, with men distinguished by their proficiency in the Eastern tongues. I am quite ready to take the oriental learning at the valuation of the orientalist themselves. I have never found one among them who could deny that a single shelf of a good European library was worth the whole native literature of India and Arabia. The intrinsic superiority of the Western literature is indeed fully admitted by those members of the committee who support the oriental plan of education. (*Apud.* Alvares, 2011: 4)

Segundo Alvares, não houve descontinuidade nos processos educacionais, nem nos níveis básicos e nem no chamado ensino superior, que para Claude é apenas uma repetição das universidades ocidentais. “To think that such a system of learning – installed and enforced by a colonial government, demanding obsequiousness and obedience – would be continued, supported and expanded by a free

government after independence is something we find today difficult to understand.” (Alvares)²⁵ Para ele, é uma loucura que alguém em boa sanidade, se matenha dentro de um curso universitário e ainda continue para um mestrado e doutoramento. A pessoa que faz isso, torna-se mais inteligente em um assunto e limitada para a vida. Normalmente, as pessoas mais desinteressantes são as das universidades, que provavelmente tem tendências masoquistas. (Alvares, 2011)²⁶

A partir dessas constatações e do entendimento de que deve-se valorizar as culturas e tradições indianas, chinesas e de todos os povos não-ocidentais, Alvares e a *Multiversity* lançam como proposta a rearticulação curricular das ciências sociais por meio de uma rede de acadêmicos e estudiosos da educação e das ciências sociais da América Latina, África e Ásia.²⁷ Os princípios de atuação da *Multiversty* são os que seguem:

- Orientar a aprendizagem novamente no sentido da vida; tornando-a inconclusa e criativa;
- Separar a aprendizagem de capacitação profissional; ou distinguindo entre aprendendo por meio de ofícios/trabalhos de aprendendo a se enquadrar num emprego;
- Evitar a dependência exclusiva em modos de aprendizagem analítica, fomentando da mesma forma modos afetivos;
- Basear os programas de aprendizagem no respeito mútuo entre professores/as e educandos/as, incluindo a ruptura das divisões rígidas e artificiais entre estes/as;
- Evitar a dependência exclusiva em textos e na memorização dos mesmos. Serão usadas substancialmente *medias* não impressas. Conhecimento criado nas formas de vídeos, música, teatro, trabalhos artísticos, entre outras *medias*, serão listados, apoiados e divulgados para romper com o monopólio do livro didático como única fonte de recursos de aprendizagem e como principal meio de diálogo;
- A condução das atividades amplamente nas línguas locais das diversas comunidades da Ásia, África, América do Sul etc. Todos os documentos relacionados à *Multiveristy* serão disponibilizados nos principais idiomas dessas comunidades, incluindo o chinês, hindi, swahili etc.;
- Não haverá certificação das experiências de aprendizagem;
- Recusa à avaliar por meio de exames e provas àqueles/as que desejam aprender.

25 “Pensar que tal sistema de aprendizagem - instalado e forçado por um governo colonial, que exigia obediência – seria continuado, apoiado e expandido por um governo livre após a independência é algo extremamente difícil de entender hoje.”

Fonte: <http://www.swaraj.org/shikshantar/claude3.htm> (Acesso em 19/01/2014)

26 Ver *Decolonising Universities* - Claude Alvares (<http://www.youtube.com/watch?v=eXcJMblF5B8>)

27 <http://globalhighered.wordpress.com/2011/09/11/decolonising-our-universities-time-for-change/>

Acima de tudo, a *Multiversity* irá demonstrar um compromisso absoluto em proteger a integridade da vida de cada indivíduo, para que cada um/a de nós esteja em condições de tomar decisões verdadeiras e não de ser compelido a reduzir a sua vida à uma total submissão a um sistema econômico ou meio de produção.²⁸

Estes princípios orientadores servem para ilustrar a radicalidade da proposta de educação, que rompe com o academicismo e com a centralidade do texto escrito como forma de conhecimento. Com isso, outras formas de conhecimento e de saberes tem espaço para emergirem. Assim, grande parte do conhecimento das culturas não-ocidentais entram no diálogo dos/as participantes em igualdade de condições. Outra questão relevante é a não certificação, prática recorrente nos espaços de formação alternativos, pois o conhecimento deve ser livre e compartilhado, evitando a participação em busca de diplomas. Interessante destacar que os idiomas a serem utilizados nos eventos e na sistematização dos mesmos privilegia as línguas nativas, ao contrário das grandes universidades da Índia e de outros países.

Todas as atividades são realizadas em nível local, em seções de cada país (Índia, Malásia etc.), com autonomia para o planejamento e a ação, com socialização para os demais membros, desde que de acordo com os princípios acima mencionados. As atividades podem ocorrer tanto com foco em pessoas dentro da estrutura universitária ou escolar, como fora dela, seja por pessoas com formação acadêmica ou não. No entanto, embora já iniciado e tendo realizado conferências internacionais e ações específicas, a *Multiversity* ainda está em fase de estruturação, com a consolidação da rede de intelectuais e educadores/as nas regiões não-ocidentais do mundo. E o impacto desejado pela *Multiversity* não poderia ser pouco ousado, conforme Alvares afirma:

Its impact on the learning practices of the human race, in the words of Mohamed Idris, should be similar to that of an earthquake (which is capable of shaking up foundational structures). Nothing less should be expected if one is desirous of making a complete break with the colonizing past and freely restoring control over the future of learning societies back to diverse local communities.²⁹

28 Fonte: <http://www.swaraj.org/shikshantar/claude3.htm> (Acesso em 19/01/2014)

29 “O seu impacto nas práticas de aprendizagem da espécie humana, nas palavras de Mohamed Idris, deveriam ser similares à de um terremoto, capaz de sacudir a base estrutural. Nada a menos deveria se esperar se se está com desejo de romper completamente com o passado colonial e de restabelecer livremente o controle para as diversas comunidades

Passemos agora para a seção de conclusão.

loais sobre o futuro das sociedades de aprendizagem.” (Nossa tradução) Fonte:
<http://www.swaraj.org/shikshantar/claude1s3.htm> (Acesso em 05/02/2014)

4. CONCLUSÕES E POSSÍVEIS DIÁLOGOS

No que se refere à violência associada à ciência moderna, Alvares apresenta algumas similaridades nas propostas e análises das epistemologias do Sul, especialmente sobre o epistemicídio que acompanhou o processo colonial e neocolonial a partir de 1492. A reivindicação de uma pretensa universalidade da ciência moderna, de acordo com Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses, “é o resultado de uma intervenção epistemológica que só foi possível com base na força com que a intervenção política, econômica e militar do colonialismo e do capitalismo modernos se impuseram aos povos e culturas não-ocidentais e não cristãs.” (Santos e Meneses, 2010: 10)

No entanto, a proposta que emerge a partir dessa crítica ao eurocentrismo da ciência moderna, “uma epistemologia contextual” (Santos e Meneses, 2010: 10), não converge com as propostas e conclusões de Alvares sobre a ciência moderna. Enquanto Santos e Meneses argumentam por um diálogo horizontal entre os diferentes saberes, não se desperdiçando as experiências da humanidade, Alvares propõem uma ruptura radical com a ciência europeia. Para ele não pode haver uma relação democrática entre as diferentes formas de conhecimento com a ciência, pois esta está imbricada, instrumentalmente com a violência, seja na sua concepção metodológica ou na sua implementação prática.

Nesse mesmo sentido, percebe-se uma afinidade da proposta da *Multiversity* com a proposta de Boaventura de Sousa Santos da Universidade Popular dos Movimentos Sociais (UPMS), que busca romper com a lógica academicista e autoritária da universidade tradicional, incorporando outras formas de saberes, numa relação horizontal. (Santos, 2003) No livro *A Gramática do Tempo*, Santos apresenta a UPMS, ainda em construção, como proposta para uma epistemologia do Sul. Dentro dos objetivos postos, lê-se que “Trata-se de criar no mundo do activismo progressista uma consciência internacionalista de tipo novo: intertemática, intercultural, radicalmente democrática.” (Santos, 2006: 157) Essa nova forma de organização de Universidade Popular, uma contra-universidade, estaria propondo um modo alternativo de comunicação entre os diversos movimentos sociais, as artes e a academia, reconectando criticamente a teoria e a prática social progressista. (Santos, 2006) Dentre várias, podem-se destacar algumas convergências com os princípios da *Multiversity*, como a horizontalidade, diversas possibilidades temáticas e a ruptura com a rigidez característica das universidades. Uma possibilidade de aprofundamento desses paralelismos poderia ser um estudo comparado, realçando as conexões e reconhecendo as diferenças e a capacidade de se aprender por meio destas.

Porém, também nota-se os limites de diálogo, devido à radicalidade do posicionamento de Alvares, relacionado a um determinismo geográfico. Apesar dele reconhecer o pensamento crítico ocidental e a opressão aos povos ocidentais, perpassa por boa parte dos seus trabalhos uma negação da possibilidade que Santos e Meneses (2010) argumentam como um ocidente não-ocidentalista.

Não obstante essas diferenças e limitações, entendo que o mundo tem muito a aprender com a vida e obra de Claude Alvares, que busca no seu modo de vida, no seu ativismo e trabalho acadêmico, como diria Paulo Freire, “a corporeificação da palavra pelo exemplo.” E o que podemos aprender com ele, que vive e atua em Goa que seria importante para outras partes do mundo? O que o torna um mestre do mundo? Tentei apresentar neste trabalho alguns aspectos que o justificam como tal. Aqui farei uma síntese do que foi mencionado, buscando responder à estas perguntas acima.

É importante destacar que Claude Alvares, embora esteja ciente das questões macro (políticas, econômicas, sociais etc.), busca atuar dentro das questões locais, em articulação com outros/as atores regionais e de outras partes do mundo. Para ele, não é necessário dialogar com o Ocidente para possibilitar uma produção e reconhecimento autônomo de outras formas de saber. Pelo contrário, ele busca agir de forma independente, mesmo que a sua própria formação tenha sido dentro do cânone ocidental. Isso é uma questão fundamental que serve de exemplo para outros ativistas e acadêmicos de regiões não-ocidentais que ainda buscam/aspiram por um reconhecimento da ciência e/ou teoria euro-americana, mesmo que crítica, marxista ou progressista.

A sua obstinação em transformar as suas ideias na prática cotidiana também são importantes, mesmo que se discorde de alguns pontos, como a recusa ao diálogo total com o Ocidente e sobretudo com os ocidentais não-ocidentalistas. Mas, a sua ação, de reconhecer e experimentar novas formas de conhecimento e de saberes, colocando-as a prova na maneira de viver, seja como ambientalista, articulista e/ou educador merecem atenção. Não apenas ele reivindica um modo de vida sustentável, como busca torná-lo possível, fomentando redes de produtores e consumidores de alimentos orgânicos, liderando campanhas contra a mineração predatória no seu estado, denunciando ações criminais de empresas científicas com a conivência do governo, articulando a edição e publicação de literatura regional progressista etc. Sua crítica ao formato da educação não ficou apenas na teoria ou na formação da *Multiversity*, mas na própria educação dos seus três filhos, expondo-os a um mundo mais livre e humano.

O fato de ter se formado numa universidade ocidental lhe deu ferramentas para criticar e desconstruir os argumentos utilizados pelas elites dominantes de Goa e da Índia como um todo, sobretudo na

história da ciência e da educação, adquirindo inimizados nos círculos conservadores dos meios científico, do agronegócio, da mineração, da educação, entre outros. Ao mesmo tempo, conseguiu articular redes progressistas naquela parte do mundo, destacando-se grupos da Índia, China, Malásia e Irã, numa verdadeira rede de aprendizagem Sul-Sul. E sempre procura aprender com os demais. Por certo não é o primeiro e nem o único a realizar estes tipos de ação e articulação, mas com certeza temos muito que aprender com ele.

5. PARA SABER MAIS

PROJETOS:

Typewriter Guerrilla - www.typewriterguerrilla.com

Blog pessoal de trabalho de Claude Alvares, onde publica artigos nas suas diversas áreas de atuação, tais como ecologia, política, descolonização da ciência e da educação entre outros. Também há seções dos projetos dos quais participa e das suas publicações.

Goa Foundation - <http://goafoundation.org/>

Fundação ambientalista do estado indiano de Goa, da qual Claude Alvares é um dos fundadores e atual diretor. Esta organização atua em projetos de reciclagem e destinação de resíduos plásticos à fiscalização da atuação de empresas mineradoras da região. Abaixo a logomarca da Fundação.³⁰

30 Fonte: <http://goafoundation.org/> (Acessado no dia 18/01/2014)



Multiversity e Taleemnet - www.multiworldindia.org

Organizações que buscam discutir e difundir a descolonização das universidades e da educação respectivamente. O site reúne diversos materiais, links e outras informações. Serve como uma rede de diversas organizações em países do Sul global que lutam por uma educação emancipadora. Claude Alvares é um dos coordenadores.

Green Goa Works - www.greengoaworks.in

ONG de educação ambiental. Ajuda na organização comunitária do manejo de dejetos e na elaboração de compostagem e outras formas de lidar com o lixo produzido. Revendedora de produtos orgânicos produzidos na região.

Organic Farming Association of India - www.ofai.org

Claude Alvares e a Goa Foundation são membros desta associação que promove a agricultura orgânica junto às agências governamentais da Índia. Ajuda a fortalecer a rede de produção e de distribuição dos pequenos produtores. Uma das atividades deste grupo é a certificação dos produtos orgânicos.

Other India Press (OIP) / Other India Bookstore (OIB) - <http://www.otherindiabookstore.com/>

Editores e livrarias alternativas, que promovem um mercado editorial apenas para livros da Ásia, África e América do Sul, sobretudo de ativistas sociais e abrangendo temas como saúde alternativa, agricultura orgânica e educação contra-hegemônica. Claude Alvares é o editor da OIP e é membro executivo da OIB.

PUBLICAÇÕES:

Obras do Claude Alvares

De-Colonizing History: Technology and Culture in India, China and the West: 1492 to the Present Day,
– Other India Press, Goa, 1991.

Science, development and violence: The revolt against modernity, Delhi [etc.]: Oxford University
Press, 1992.

The Organic Farming Source Book, Other India Press (4th edition).

Fish Curry and Rice — a source book on Goa, its ecology and life-style. 4. rev. ed., Mapusa: Goa
Foundation, 2002.

*Another Revolution Fails: Investigation into How and Why India's Operation Flood Project Went Off
the Rails*. Ajanta Publications, 1987.

Unwanted Guest: Goans v/s Du Pont. Mapusa: Other India Press, 1991.

Co-autorias

Com Ramesh Billorey:

Damming the Narmada, Third World Network, Malaysia.

Com Ashis Nandy *et al*:

Science, Hegemony and Violence. Oxford.

Com Ziauddin Sardar *et al*:

The Blinded Eye: 500 Years of Christopher Columbus, Other India Press, 1993

Com Wolfgang Sachs *et al*:

The Development Dictionary, London and New Jersey: Zed Books, 1992, pp. 219–232.

Com Shad Saleem Faruqi:

Decolonising the University. Universiti Sains Malaysia Press, Malaysia, 2011.

Multiversity: Freeing Children from the Tyranny of Schooling, Other India Press, 2006.

A Farewell to the Eurocentric Imagination, Multiversity, 2011.

VIDEOS

Existem muitos vídeos disponíveis no Youtube e no Vimeo. Fazendo uma busca simples de Claude Alvares aparecem diversas opções. Muitos estão agrupados no canal *TV Multiversity* (Youtube e Vimeo). Pertinentes com o trabalho apresentado, destaco os seguintes:

Academic Imperialism - Claude Alvares

<http://www.youtube.com/watch?v=cySj7da5f>

[B0](#)

Participação de Alvares na Conferência Internacional sobre Imperialismo Acadêmico na Universidade de Al-Zahra (Irã) em 2010.

Decolonising Universities - Claude Alvares

<http://www.youtube.com/watch?v=eXcJMblF>

[5B8](#)

Apresentação de Alvares Multiversity International Conference on Decolonising Our Universities em Penang, Malásia, 2011. Fala sobre a necessidade de se construir novas formas de universidade, rompendo com o formalismo e com a burocratização do ensino. Ele conclama por uma educação inovadora e liberta do mercado e de outras formas de opressão.

Claude Alvares: Thoughts on Swaraj

<http://www.youtube.com/watch?v=HWe5IqY>

[WBzw](#)

Vídeo em que Claude Alvares fala sobre a relevância atual de Hind Swaraj (1909) de Gandhi e da influência desse livro na sua própria obra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVARES, Claude (2012a), “A Critique Of Eurocentric Social Science”. *Third World Resurgence*, 266-267, 20-24.
- ALVARES, Claude (2012b), *Re-humanising Higher Education: Some Proposals*.
<http://www.typewriterguerilla.com/2012/12/re-humanising-higher-education-some-proposals/> (acesso em 12/01/2014)
- ALVARES, Claude (2011), “A Critique of Eurocentric Social Science and the Question of Alternatives.” *Economic & Political Weekly (EPW)*, 22. [=Vol. XLvi]
- ALVARES, Claude (2010), “Science”, in SACHS, Wolfgang (Org.) , *The Development Dictionary: a guide to knowledge as power*. Londres: Zed Books Ltd, 243-259. [2ª Ed.]
- ALVARES, Claude (2000), “Making History,” in DHARAMPAL, *Indian Science and Technology in the Eighteenth Century*. Goa: Other India Press, i-xv.
- ALVARES, Claude (1992), *Science, Development and Violence: The Revolt Against Modernity*. Delhi: Oxford University Press.
- ALVARES, Claude (1991), *Decolonising History: Technology and Culture in India, China and the West, 1492 to the Present Day*. Goa: The Other India Press.
- ALVARES, Claude (1990), “Science, colonialism and violence: A luddite view”, in NANDY, Ashis (Org.), *Science, Hegemony & Violence: A Requiem For Modernity*. Delhi: Oxford University Press, 31-45.
- ALVARES, Claude (1980), *Homo Faber: Technology and Culture in India, China and the West from 1500 to the present day*. The Hague: Nijhoff.
- ALVARES, Claude (s/d), *Technology and Culture*. Goa: Multiversity.
<http://multiworldindia.org/wp-content/uploads/2010/05/Technology-and-Culture.pdf> (acesso em 19/01/2014)
- ALVARES, Rahul (2003), *Free from school*. Goa: The Other India Press.
- DHARAMPAL, *Indian Science and Technology in the Eighteenth Century*. Goa: Other India Press.
- PHALKEY, Jahnvi (2013), “Focus: science, history, and modern India. Introduction.” *Isis*, 2, 330-336

[=Vol. 104].

SACHS, Wolfgang (Org.) , *The Development Dictionary: a guide to knowledge as power*. Londres: Zed Books Ltd. [2ª Ed.]

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P.; NUNES, J. A. (2004), “Introdução: para ampliar o cânone da ciência: a diversidade epistemológica do mundo,” in SANTOS, B. S. (org.), *Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais*. Porto: Afrontamento, 23-101.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (orgs.) (2010), *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina.

SANTOS, Boaventura de Sousa (2006), *A gramática do tempo. Para uma nova cultura política*. Porto: Afrontamento.

SANTOS, Boaventura de Sousa (2003), *A universidade Popular dos Movimentos Sociais: para formar ativistas e dirigentes dos Movimentos Sociais e ONGs e cientistas sociais, intelectuais e artistas dedicados à transformação social: uma proposta para a discussão*.

http://www.universidadepopular.org/media/artigos/Proposta_para_discussao.pdf (Acessado em 20 de agosto de 2013.)

VISVANATHAN, Shiv (2010), “Encontros culturais e o oriente: um estudo das políticas de conhecimento.” in SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (orgs.) (2010),